



REGIONALIZAÇÃO DE VAZÕES BACIAS HIDROGRÁFICAS BRASILEIRAS

**ANÁLISE DE FREQUÊNCIA DE VAZÕES MÁXIMAS E A
DEFINIÇÃO DAS COTAS PARA INSTALAÇÃO DE
EQUIPAMENTOS AUTOMÁTICOS NA
REDE HIDROMETEOROLÓGICA NACIONAL DE REFERÊNCIA (RHNR)**

**Rio: Seridó
Estação Fluviométrica: São Fernando
Código: 37570000
Município: São Fernando-RN**

**Recife
2025**

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL
SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL

DIRETORIA DE HIDROLOGIA E GESTÃO TERRITORIAL

PROGRAMA GESTÃO DE RISCOS E DE DESASTRES

Ação Levantamentos, Estudos, Previsão e
Alerta de Eventos Hidrológicos Críticos

PROJETO DE REGIONALIZAÇÃO DE VAZÕES NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS BRASILEIRAS

ANÁLISE DE FREQUÊNCIA DE VAZÕES MÁXIMAS E A DEFINIÇÃO
DAS COTAS PARA INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS
AUTOMÁTICOS NA REDE HIDROMETEOROLÓGICA NACIONAL DE
REFERÊNCIA (RHNR)

Rio: Seridó

Estação Fluviométrica: São Fernando

Código: 37570000

Município: São Fernando - RN

Múcio Valença Virões

Eber José de Andrade Pinto



Recife

2025

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA

MINISTRO DE ESTADO

Alexandre Silveira de Oliveira

SECRETARIA NACIONAL DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL

Ana Paula Bitencourt

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL – SGB

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente

Sabrina Soares de Araújo Gois (interina)

Diretor de Hidrologia e Gestão Territorial

Alice Silva de Castilho

Diretor de Geologia e Recursos Minerais

Francisco Valdir Silveira

Diretor de Infraestrutura Geocientífica

Sabrina Soares de Araújo Gois

Diretor de Administração e Finanças

Sabrina Soares de Araújo Gois (interina)

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Chefe do Departamento de Hidrologia

Andrea de Oliveira Germano

Chefe da Divisão de Hidrologia Aplicada

Emanuel Duarte Silva

Achiles Monteiro (*in memoriam*)

Chefe do Departamento de Gestão Territorial

Diogo Rodrigues Andrade da Silva

Chefe da Divisão de Geologia Aplicada

Tiago Antonelli

Coordenação Executiva do DEHID - Projeto Regionalização de Vazões

Eber José de Andrade Pinto

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE RECIFE

Superintendente

Hortência Maria Barboza de Assis

Gerente de Hidrologia e Gestão Territorial

Robson de Carlo da Silva

Gerente de Geologia e Recursos Minerais

Felipe José da Cruz Lima

Gerente de Infraestrutura Geocientífica

Douglas Silva Luna

Gerente de Administração e Finanças

Omar Jose Evangelista de Barros

REALIZAÇÃO

Superintendência de Recife

AUTORES

Múcio Valença Virões

Eber José de Andrade Pinto

EQUIPE EXECUTORA

Denise Christina de Rezende Melo – SUREG/GO

Francisco Fernando Noronha Marcuzzo – SUREG/PA

Múcio Valença Virões – SUREG/RE

Paula Krsthina Cordeiro Freire – REFO

SISTEMA DE INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS E MAPA

Janaína Marise França de Araújo –SUREG/RE

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Nelma Fabrícia da P. Ribeiro Botelho – SUREG/RE

Ficha Catalográfica**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

V813p Virões, Múcio Valença.

Projeto de regionalização de vazões nas bacias hidrográficas brasileiras: análise de frequência de vazões máximas e a definição das cotas para instalação de equipamentos automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência (RHNR): rio: Seridó, estação fluviométrica: São Fernando, código: 37570000, município: São Fernando-RN / Múcio Valença Virões, Eber José de Andrade Pinto. – Recife: Serviço Geológico do Brasil, 2025.

1 recurso eletrônico: PDF

Programa Gestão de Riscos e de Desastres.

Ação levantamentos, estudos, previsão e alerta de eventos hidrológicos críticos.

ISBN 978-65-5664-563-6

1. Hidrologia. 2. Vazões naturais. 3. Bacias hidrográficas. I. Pinto, Eber José de Andrade Pinto. II. Título.

CDD 551.48

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nelma Botelho CRB-4 2341

Direitos desta edição: Serviço Geológico do Brasil – SGB

Permitida a reprodução desta publicação desde que mencionada a fonte

Serviço Geológico do Brasil - SGB

www.sgb.gov.br

<https://rigeo.sgb.gov.br>

seus@sgb.gov.br

APRESENTAÇÃO

O projeto Regionalização de Vazões nas Bacias Hidrográficas Brasileiras é uma iniciativa dentro do programa de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres que tem por objetivo ampliar o conhecimento sobre a disponibilidade hídrica no território nacional, bem como, sobre a frequência de ocorrência das vazões e/ou das cotas.

O conhecimento da disponibilidade de água doce de uma bacia hidrográfica é o principal instrumento de gestão de recursos hídricos, com base no qual pode ser concedido de forma adequada e sustentável o direito de uso deste bem, seja para fins energéticos, de irrigação, de abastecimento e outros. Além disto, o conhecimento da frequência é uma informação útil para o planejamento nos setores elétrico, agrícola, abastecimento público e na adoção de políticas públicas.

Dentre os objetivos da ação dos Levantamentos, Estudos, Previsão e Alerta de Eventos Hidrológicos Críticos, destaca-se a realização de estudos de análise de frequência local das séries históricas de vazões máximas ou cotas máximas das estações fluviométricas.

A análise de frequência possibilita a determinação das vazões máximas ou cotas máximas associadas a uma probabilidade de ser igualda ou superada. Os resultados da análise, ou seja, os quantis, serão utilizados como valores de projeto no dimensionamento de diversas estruturas hidráulicas ou de aproveitamento dos recursos hídricos. Esta análise estatística também pode ser utilizada de forma inversa, ou seja, estimar a frequência de um evento de cheia ocorrido, definindo se o evento foi raro ou ordinário. Tipo de informação que é bastante útil para sistemas de alerta de cheias que poderão divulgar, além das previsões e dos valores observados, a raridade do evento acompanhado.

Este estudo apresenta os resultados da análise de frequência das vazões máximas observadas e a recomendação de cotas (níveis) para instalação de equipamentos automáticos no rio Seridó especificamente na estação fluviométrica São Fernando, código 37570000. Esta estação fluviométrica faz parte Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência (RHNR) e constitui um ponto de acompanhamento das vazões e cotas nesta região, no Estado do Rio Grande do Norte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 METODOLOGIA	11
2.1 Análise de Frequência Local	11
2.2 Definição das Cotas para Instalação de Equipamentos Automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência	13
3 RESULTADOS	17
3.1 Análise de Frequência Local	17
3.2 Definição das Cotas para Instalação de Equipamentos Automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência	18
4 EXEMPLOS DE APLICAÇÃO.....	21
REFERÊNCIAS	23
ANEXO I – Ficha Descritiva da Estação Fluviométrica.....	25
ANEXO II – Distribuições de Gumbel e Log-normal.....	29
ANEXO III – Dados utilizados, curvas chave e as estatísticas.....	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização das estações fluviométricas da RHNR.	07
Figura 02 – Localização da estação fluviométrica de Sítio Curralinho.	08
Figura 03 – Perfil da seção transversal da seção de réguas de Sítio Curralinho..	10
Figura 04 – Ajuste das distribuições empírica e teórica.	17
Figura 05 – Cota mínima de instalação de equipamentos.	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Objetivos Gerais da RHNR.....	13
Tabela 02 – Riscos Hidrológicos.	15
Tabela 03 – Probabilidade de não ocorrer ao menos um evento igual ou superior a cheia de T anos em n anos de vida útil.	15
Tabela 04 – Critérios para instalação dos equipamentos da RHNR.	16
Tabela 05 – Vazões associadas a diferentes tempos de retorno.....	18
Tabela 06 – Cotas para instalação dos equipamentos da estação fluviométrica...	19

1 – INTRODUÇÃO

O estudo das águas superficiais é fundamental para adequada gestão dos recursos hídricos. Para que isto ocorra se faz necessário a implantação de uma rede de monitoramento hidrológico que seja eficiente e capaz de fornecer informações necessárias aos usos múltiplos das águas fluviais.

Conforme Maranhão e Pereira (2017), as primeiras iniciativas institucionais do estabelecimento da Rede Hidrometeorológica Nacional – RHN, início do século XX, ocorrem através do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) instalando as primeiras estações no Brasil. Em 1934 o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) estende a atuação hidrológica pelo país. Em 1960 é criado o Departamento Nacional de Águas e Energia (DNAE) que recebe, entre suas atribuições, as atividades de hidrologia nacional. Porém em 1969, com novas competências relacionadas ao setor elétrico, passa a se chamar Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE). Também neste ano surge a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), através do Decreto-Lei nº 764, de 15 de agosto de 1969, absorvendo a atividade de manutenção e operação da RHN sob responsabilidade do DNAEE. Em 28 de dezembro de 1994, pela Lei nº 8.970, a CPRM passa a ser uma empresa pública, com funções de Serviço Geológico do Brasil (SGB).

Assim nasce a parceria entre a Agência Nacional de Águas (ANA), criada através da Lei nº 9.984/2000, art.4, inciso 13, e o Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), principal parceiro no planejamento, gerenciamento e operação da RHN – Rede Hidrometeorológica Nacional, através do Acordo de Cooperação Técnica – ACT nº 003/2014, com o intuito de revitalizar a capacitação técnica dos profissionais envolvidos e revisar a rede de monitoramento existente no Brasil.

Em agosto de 2015, ANA e SGB/CPRM firmaram um Memorando de Entendimento com o Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS, *United States Geological Survey*) dedicado à capacitação técnica dos seus profissionais. E a partir deste evento, foi definido pelos especialistas envolvidos a revisão da rede existente, construindo uma Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência – RHNR para atender com excelência as demandas da gestão de recursos hídricos brasileira, promovendo dados confiáveis e representativos. Esta rede deverá atender os interesses da União a partir de 06 objetivos gerais: Transferência e compartilhamento Interestaduais e Internacionais, eventos hidrológicos críticos, balanços e disponibilidades hídricas, mudanças e tendências de longo prazo, qualidade da água e regulação dos recursos hídricos.

A localização das 33 estações fluviométricas que compunham a RHNR em 2022 sob a responsabilidade da Superintendência Regional do Recife (SUREG-RE) está apresentada na Figura 01.

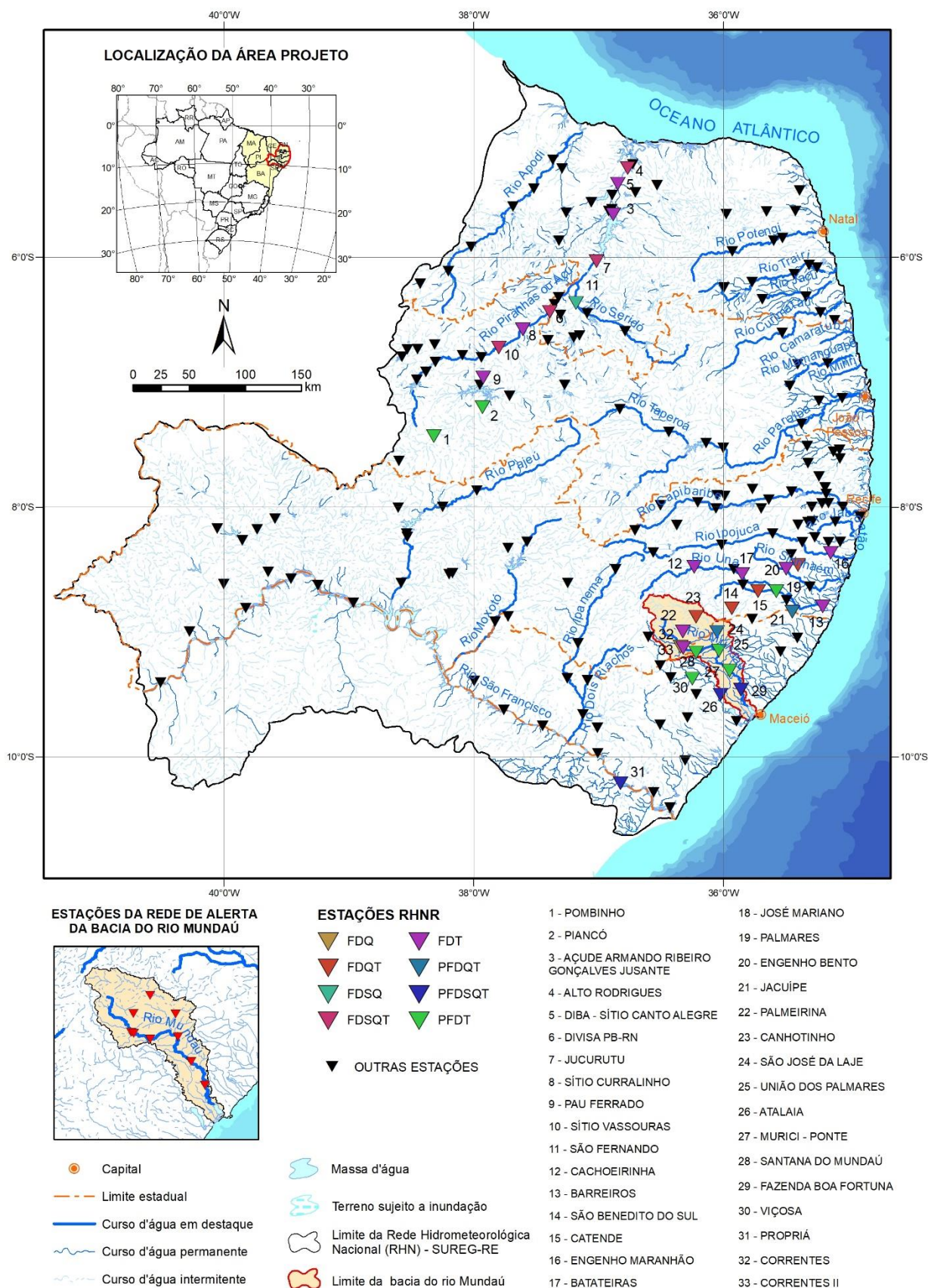


Figura 01 – Localização das estações fluviométricas da RHNR em 2022. Fonte: elaborado pela equipe do projeto.

A estação de São Fernando, código 37570000, está localizada na Latitude 06°22'12"S e Longitude 37°10'48"O, no rio Seridó e possui uma área de drenagem de 9.710 km². O rio Seridó é um rio federal que nasce entre as Serras do Candinho e Caldeiro, no município de Cubati, Estado da Paraíba e alcança a confluência com rio Piranhas-Açu no Estado do Rio Grande do Norte. Recebe como principais afluentes, pela margem direita, o rio Acauã, riacho São José, o qual forma o Açude Público Cruzeta, e o riacho Mundo Novo, onde se localiza o Açude Mundo Novo, pela margem esquerda, os rios Malhada Grande, Quintos, Barrada Nova, que forma o Açude Itãs, junto com seu afluente riacho Barbosa com pequenos barramentos, e o rio Sabuji. A estação fluviométrica está instalada na margem esquerda do rio, cerca de 2,0 km à jusante da cidade São Fernando-RN, atravessando a parede do açude no Sítio Pascoal, e sua seção de medição está localizada próxima a seção de réguas logo a montante, PI na margem esquerda e PF na margem direita, distanciados entre si em 275,00 m. A Figura 02 ilustra a localização da estação de São Fernando.

Desde maio de 1962 existem réguas linimétricas instaladas para realização de duas leituras diárias pelo observador dos níveis do rio Seridó, as 07 e as 17 h. Nesta estação os equipamentos automáticos para registro contínuo e transmissão dos níveis do rio Seridó operaram apenas entre agosto de 2010 e setembro de 2023. Atualmente somente há observações transmitidas pelo Hidro Observa às 7h e 17h.

Ao longo do histórico da estação não houve mudança da cota do zero da régua, ou seja, não foram acrescidos 100 cm ou outro valor as cotas da estação. Maiores detalhes sobre a estação podem ser encontrados na sua ficha descritiva que consta do Anexo 01.

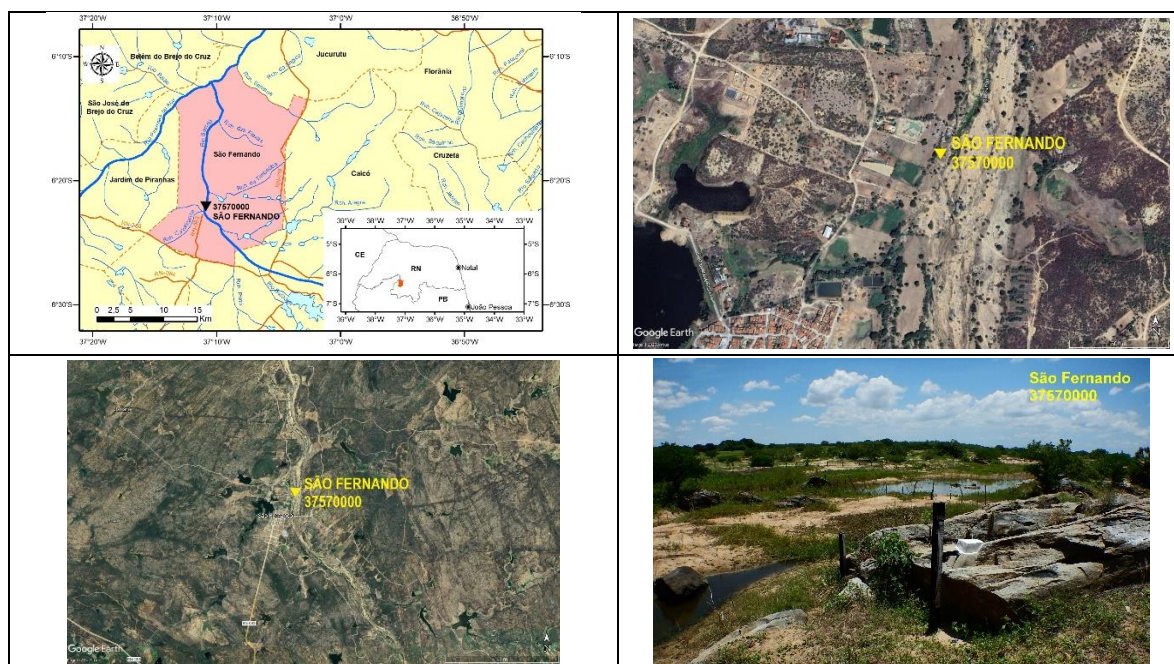


Figura 02 – Localização da estação fluviométrica de São Fernando. Fonte: Equipe do projeto, Google Earth (2024) e arquivo fotográfico do Projeto da RHN.

A Figura 03 apresenta o perfil da seção transversal na seção de réguas da estação. Esta figura apresenta as medições simultâneas de vazões e cotas realizadas entre maio/1962 e agosto/2022 e a máxima cota observada na série de cotas máximas anuais (504 cm 04/04/2007).

A diferença entre a máxima cota observada nas réguas, 504 cm, e a máxima cota com vazão medida (118 m³/s na cota 258 cm) é de 246 cm. No Anexo III observa-se que a série de cotas máximas por ano civil apresenta 32 valores máximos, sendo 15 superiores a 258 cm (cota da vazão máxima medida). A razão entre a cota máxima observada e a cota máxima com medição de vazão é 1,95 (504 cm / 258 cm). Segundo Tucci (2002), a melhor curva-chave, aquela com menor extrapolação do ramo superior, possui a razão entre as cotas máximas observadas e com medição de vazão inferior a 1,25. Na Figura 03 também se observa baixa densidade de medições de vazões acima de 40 m³/s. A seção de medição está localizada próxima à seção de réguas, como está apresentado na ficha descritiva da estação no Anexo I. A estação apresenta área de drenagem de 9.710 km².

As características mencionadas no parágrafo anterior criam dificuldades a extrapolação do ramo superior da curva-chave e ampliam a incerteza na estimativa das vazões a partir das cotas superiores a 258 cm. Todavia, é necessário mencionar que as medições de vazões em cotas altas envolvem riscos à segurança dos técnicos que podem inviabilizar a realização do trabalho e, além disso, a frequência de ocorrência de grandes cheias pode ser baixa.

A análise de frequência foi realizada com a série de vazões máximas por ano hidrológico, pois as estações da RHNR podem sofrer deslocamentos para uma outra posição posteriormente. A reinstalação de réguas em outra seção, afastada do original, pode modificar a relação entre cota e vazão no ramo superior, afetando a análise de frequência de cotas máximas.

No entanto é importante frisar que tais modificações não afetarão a análise de frequência de vazões deste estudo, se estas alterações não gerarem significativos incrementos ou decréscimos na área de drenagem da estação associadas a grandes variações de vazões para um mesmo evento hidrológico, ou ainda outras modificações impactantes nas condições hidrológicas atual da estação. Nestes casos de modificações significativas se tratará de uma nova estação, o que demandará uma nova série histórica para um novo estudo de análise de frequência de máximas.

37570000 - SÃO FERNANDO em SÃO FERNANDO - RN
Seção Transversal - Seção de Réguas

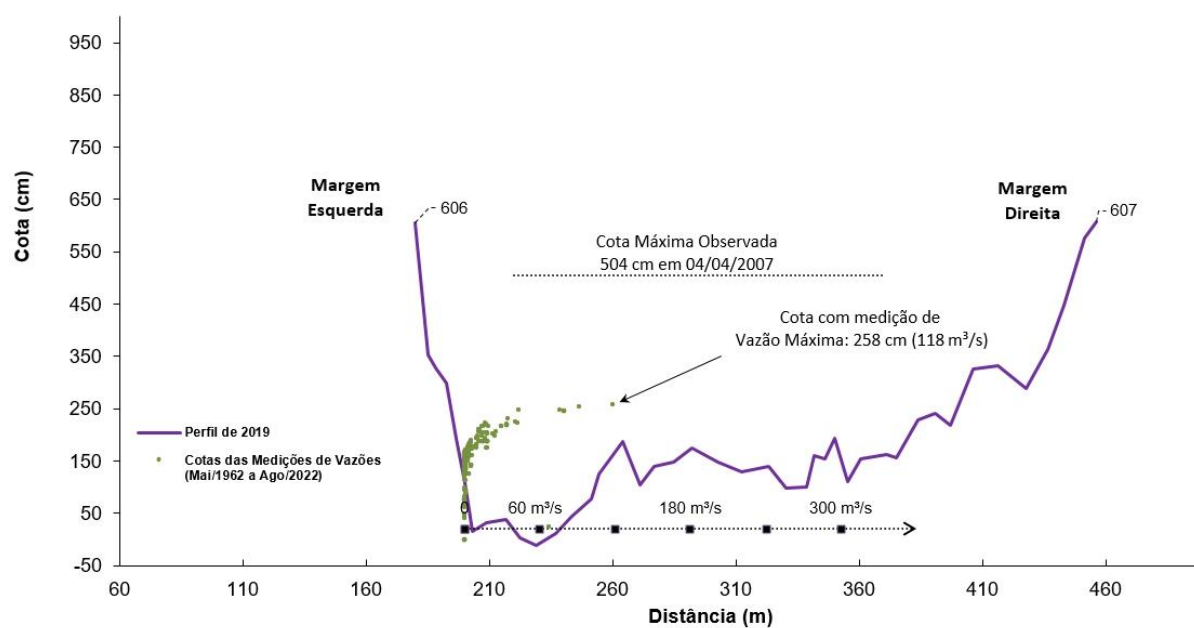


Figura 03 – Perfil da seção transversal da seção de régua de São Fernando. Fonte: elaborado pelos autores.

2 – METODOLOGIA

2.1 – Análise de Frequência Local

A análise estatística deve ser realizada utilizando séries históricas representativas do processo analisado, sem a presença de erros acidentais ou sistemáticos e possuindo um número mínimo de elementos para garantir uma boa confiabilidade nas extrapolações. É recomendável o emprego de séries com pelo menos 30 anos hidrológicos ou civil e aceitável no mínimo 15 anos hidrológicos ou civil.

Considerando Pinto (2013) e Naghettini e Pinto (2007), foram definidas as seguintes etapas para análise de frequência local de máximos por ano hidrológico ou civil:

- Avaliar a consistência dos dados e organizar a série de cotas ou vazões máximas por ano hidrológico ou civil.

Na etapa de consistência procura-se identificar problemas com os registros de cotas ou vazões que poderiam desacreditar as informações. Para tanto podem ser realizados métodos consagrados no meio técnico, como por exemplo, verificar se há mudança do zero da régua (mudança de referência); verificar a presença de erro de metro nas cotas; verificar a presença de erro de 1/2 metro nas cotas; verificar a presença de erro de digitação; comparar a cota máxima com a cota média diária; avaliar o comportamento dos cotagramas das estações de montante e jusante; verificar as cotas máximas da série disponível nos bancos de dados com os boletins de campo; avaliar os dados que estão como duvidosos ou estimados; avaliar o preenchimento de falhas (média, linígrafo e PCD); verificar as medições de vazões; analisar as curvas-chaves; verificar a continuidades das vazões etc.

- Verificar a presença de valores atípicos (*outliers*)

A presença de valores atípicos (superiores e inferiores) é avaliada com o critério baseado na amplitude interquartil, AIQ (Naghettini; Pinto, 2007, p. 39), e com o teste de Grubbs e Beck (Naghettini; Pinto, 2007, p. 287). O valor atípico pode ter origem em erros de medição ou de processamento, mas, também pode ser o produto de causas naturais indeterminadas. Se for identificado que o valor atípico é inconsistente, este deve ser excluído da amostra. Em caso de presença de *outliers* realmente observados deve-se avaliar a manutenção ou retirada destes pontos amostrais atípicos. Pois, a presença de pontos atípicos em uma dada amostra, pode afetar drasticamente o ajuste da distribuição de probabilidades.

- Avaliar a independência, a homogeneidade e a estacionariedade das séries.

A independência dos valores de uma série significa que nenhuma observação pode influenciar a ocorrência, ou não ocorrência, da observação seguinte. No projeto de Regionalização de Vazões do Brasil a hipótese de independência é avaliada com o teste não paramétrico proposto por Wald e Wolfowitz (1943). A descrição detalhada deste teste é encontrada em Naghettini e Pinto (2007, p. 264).

Uma amostra é considerada homogênea quando todos os elementos provêm de uma única e idêntica população. A recomendação é avaliar a homogeneidade da série por meio do teste não-paramétrico proposto por Mann e Whitney (1947), o qual está descrito em detalhes em Naghettini e Pinto (2007, p. 265).

A estacionariedade de uma série, de um ponto de vista intuitivo, está associada a não alteração das características estatísticas ao longo do tempo o que significa a não existência de tendências, saltos e outras propriedades. Nos trabalhos da Regionalização a verificação da estacionariedade das séries é efetuada pelo teste não-paramétrico de Spearman, o qual encontra-se descrito em Naghettini e Pinto (2007, p. 267).

- Estimar a distribuição empírica.

A estimativa da distribuição empírica é realizada com ordenação decrescente da série e o cálculo da posição de plotagem pela fórmula de Weibull, ou seja, no caso de séries de máximos por ano hidrológico ou civil temos $P(P > p) = m/(N + 1)$, onde m é número de ordem e N o tamanho de amostra.

- Definir as distribuições teóricas de probabilidades candidatas a modelagem das vazões ou cotas máximas por ano hidrológico ou civil.

A definição da distribuição teórica de probabilidade é de suma importância, pois valores calculados para um mesmo período de retorno podem apresentar grandes variações quando estimados por diferentes distribuições. Nos estudos de análise de frequência local de máximos por ano hidrológico ou civil do projeto de Regionalização são adotadas as distribuições candidatas de 02 parâmetros conforme recomendação de Hosking e Wallis (1997). As distribuições candidatas são as distribuições de Gumbel e Log-Normal.

- Calcular os parâmetros das distribuições teóricas de probabilidades candidatas.

A estimativa dos parâmetros das distribuições candidatas é efetuada pelo método dos momentos-L (Hosking; Wallis, 1997). O Anexo II apresenta as funções densidade e acumulada de probabilidades das distribuições candidatas e as equações para cálculo dos parâmetros.

- Definir a distribuição teórica que será adotada na modelagem das séries a partir da verificação da aderência à distribuição empírica.

A aderência da distribuição teórica candidata à curva da distribuição empírica é verificada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov. A descrição detalhada destes testes é encontrada em Naghettini e Pinto (2007, p. 275-278).

- Estimar os quantis associados a diferentes tempos de retorno.

Após a conclusão das etapas anteriores, calcular os quantis associados a diferentes tempos de retorno de interesse.

2.2 – Definição das Cotas para Instalação de Equipamentos Automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência

Segundo o relatório Maranhão e Pereira (2017), a implantação da Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência (RHNR) buscará atender os interesses da União agrupados em 6 (seis) objetivos gerais. A Tabela 01 apresenta estes objetivos.

Tabela 01 – Objetivos Gerais da RHNR

Nº	Objetivos Gerais
1	Transferências e Compartilhamentos Interestaduais e Internacionais
2	Eventos Hidrológicos Críticos
3	Balanços e disponibilidades hídricas
4	Mudanças e tendências de longo prazo
5	Qualidade da água
6	Regulação dos Recursos Hídricos

Fonte: elaborado pelos autores.

A locação e instalação de uma estação fluviométrica que comporá uma rede deverá atender vários critérios como os descritos em Maranhão e Pereira (2017), World Meteorological Organization (2010), Sauer e Turnipseed (2010), ANA e SGB (2021), Kenney (2010) e Rantz *et al.* (1982). Em relação a instalação de equipamentos automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência (RHNR) o relatório da Maranhão e Pereira (2017), apresenta os seguintes critérios em relação ao posicionamento dos equipamentos:

Página 27 do arquivo PDF

“...A cota máxima é importante para a posição ideal da PCD, das referências de níveis - RNs e das quantidades de lances de réguas a serem instaladas na futura estação. ...”

Página 33 do arquivo PDF

“...73. Sobre o abrigo da PCD.

Deve estar localizada acima do nível de cheia; ...”

Além de Maranhão e Pereira (2017), destacam-se World Meteorological Organization (2010) e Sauer e Turnipseed (2010) como referências que tratam sobre este tema de locação de estação fluviométrica e posicionamento de equipamentos.

World Meteorological Organization (2010) sugere os seguintes critérios para posicionamento de equipamentos em uma estação fluviométrica: “...

- **Os instrumentos, abrigo e outra edificação devem estar acima de todos os níveis de inundação registrados. Sensores de nível devem permitir tanto a medição de inundações como de secas. ...**

Em relação aos níveis altos da água (cotas altas), World Meteorological Organization (2010), além do item acima, também afirma que “...devem ser pesquisadas as marcas de cheia de grandes enchentes do passado, bem como indagado aos moradores locais sobre os níveis de enchentes históricas. Essas informações deverão ser utilizadas pelo engenheiro para tomar uma decisão sobre a elevação na qual o

registrador de níveis (cotas) deve ser instalado para ficar acima de quaisquer enchentes que provavelmente ocorrerão no futuro. O abrigo do registrador deve ser instalado de forma a ser protegido de detritos transportados durante grandes enchentes. Também devem ser pesquisadas evidências sobre grandes mudanças no curso d'água, incluindo erosão e deposição nas margens que ocorreram durante enchentes notáveis do passado. Essas evidências, se encontradas, dão alguma indicação de mudanças que podem ser esperadas na ocorrência de grandes enchentes do futuro..." (Tradução nossa).

Sauer e Turnipseed (2010) sugerem vários critérios para a escolha do local de instalação uma nova estação fluviométrica que fará parte da *USGS National Streamflow Information System (NSIP)*. Em relação ao posicionamento de equipamentos faz as seguintes menções: "...

- O poço tranquilizador, por exemplo o tubulão do linígrafo (se usado), e o abrigo do instrumento registrador dos níveis dá água (cotas) podem estar localizados em uma margem do curso d'água, ponte, represa ou outra estrutura adequada, desde que os outros critérios de seleção do local sejam atendidos. **Não instale a estrutura que abrigará os equipamentos registradores de nível (cota) onde ela possa sofrer danos durante enchentes.**
- ...
- **O abrigo de instrumentos deve ser instalado em uma cota alta o suficiente para estar acima do nível de inundação de 0,5% de excedência (200 anos), se possível. ...**

Analisando as recomendações de World Meteorological Organization (2010), Sauer e Turnipseed (2010) e Maranhão e Pereira (2017) fica claro a preocupação com o posicionamento dos equipamentos de forma a garantir a medição dos níveis (cotas) dos grandes eventos de cheias. Sauer e Turnipseed (2010) se diferenciam de World Meteorological Organization (2010) e Maranhão e Pereira (2017) ao definir que os equipamentos devem ser instalados, se possível, em uma cota alta o suficiente para estar acima do nível de inundação de 0,5% de excedência (200 anos), ou seja, um critério objetivo.

Ao se adotar um tempo de retorno, T , como referência na definição do nível mínimo para instalação dos equipamentos também se assume uma probabilidade de que pelo menos um evento igual ou superior a cheia de T anos possa ocorrer em n anos de vida útil. Essa probabilidade é o risco hidrológico, $R = 1 - [1 - (1/T)]^n$. No caso de uma estação fluviométrica, a vida útil é número de anos de operação. A Tabela 02 apresenta os riscos hidrológicos associados aos tempos de retorno de 100, 200 e 250 anos para diferentes vidas uteis.

Tabela 02 – Riscos Hidrológicos

T (anos)	“Vida Útil “, n anos de operação da estação fluviométrica								
	20	30	50	69	100	138	173	200	250
100	18,2%	26,0%	39,5%	50,0%	63,4%	75,0%	82,4%	86,6%	91,9%
200	9,5%	14,0%	22,2%	29,2%	39,4%	49,9%	58,0%	63,3%	71,4%
250	7,7%	11,3%	18,2%	24,2%	33,0%	42,5%	50,0%	55,1%	63,3%

Fonte: elaborado pelos autores.

Quando o risco hidrológico supera 50%, a probabilidade de ocorrer pelo menos um evento igual ou superior a cheia de T anos em n anos de vida útil é maior que a probabilidade de não ocorrer pelo menos uma vez tal evento. Observa-se na Tabela 02, que o risco hidrológico para eventos de 100 anos de tempo de retorno passa a ser superior a 50% quando a vida útil é maior que 69 anos. No caso de eventos de 200 anos de tempo de retorno, o risco hidrológico será maior que 50% quando a vida útil superar 138 anos e, 173 anos no caso de tempo de retorno de 250 anos.

De forma inversa, a Tabela 03 apresenta as probabilidades de não ocorrer ao menos um evento igual ou superior a cheia de T anos em n anos de vida útil.

Tabela 03 – Probabilidade de não ocorrer ao menos um evento igual ou superior a cheia de T anos em n anos de vida útil

T (anos)	“Vida Útil “, n anos de operação da estação fluviométrica								
	20	30	50	69	100	138	173	200	250
100	81,8%	74,0%	60,5%	50,0%	36,6%	25,0%	17,6%	13,4%	8,1%
200	90,5%	86,0%	77,8%	70,8%	60,6%	50,1%	42,0%	36,7%	28,6%
250	92,3%	88,7%	81,8%	75,8%	67,0%	57,5%	50,0%	44,9%	36,7%

Fonte: elaborado pelos autores.

Baseando-se nas recomendações de World Meteorological Organization (2010), Sauer e Turnipseed (2010) e Maranhão e Pereira (2017), considerando os objetivos gerais da RHN, bem como, a ocorrência das grandes cheias no Brasil, como por exemplo as enchentes de 2010 no rio Mundaú e em maio de 2024 no Rio Grande do Sul e com o objetivo de garantir a medição dos níveis (cotas) dos grandes eventos de cheias que podem ocorrer no futuro, sugere-se os critérios apresentados na Tabela 04 para definição da cota mínima para instalação dos equipamentos da Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência (RHNR).

Tabela 04 – Critérios para instalação dos equipamentos da RHNR

Objetivos gerais	CRITÉRIO – Considerando o objetivo da estação fluviométrica, instalar os equipamentos de registro de níveis na maior cota entre as opções.
Transferências e Compartilhamentos Interestaduais e Internacionais ¹	A cota associada a cheia de 200 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)
Eventos Hidrológicos Críticos ²	A cota associada a cheia de 250 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)
Balanços e disponibilidades hídricas ³	A cota associada a cheia de 100 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)
Mudanças e tendências de longo prazo ¹	A cota associada a cheia de 200 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)
Qualidade da água ¹	A cota associada a cheia de 200 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)
Regulação dos Recursos Hídricos ³	A cota associada a cheia de 100 anos de tempo de retorno, ou a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)

1-O registro de grandes cheias é importante para garantir o atendimento dos objetivos, bem como, preservar os equipamentos caros dos efeitos deletérios da passagem de uma enchente.

2-Os eventos críticos da bacia do rio Mundaú em 2010 e de maio de 2024 no Rio Grande do Sul ensinaram a importância de não se perder os equipamentos na passagem de eventos raros.

3-O atendimento dos objetivos não será significativamente prejudicado se houver a perda do registro da passagem de eventos de grandes cheias.

Fonte: elaborado pelos autores.

3 – RESULTADOS

3.1 – Análise de Frequência Local

A análise de frequência local das vazões do rio Seridó em São Fernando, código 37570000, foi efetuada utilizando a série de vazões máximas por ano hidrológico (01/Jan a 31/Dez) apresentadas no Anexo III. As duas distribuições de frequências candidatas, Gumbel e Log-Normal, não foram rejeitadas pelo teste de aderência. Contudo a distribuição Log-Normal foi selecionada por apresentar menor desvio padrão dos resíduos entre a distribuição empírica e a teórica. Seus parâmetros calculados pelo método dos momentos-L se apresentam no Anexo III. A Figura 04 apresenta o gráfico com as distribuições empírica e teórica ajustadas.

A inversa da distribuição Log-Normal é a calculada da seguinte forma:

$$x_T = EXP(\mu + \sigma \cdot Z_{(1-1/T)}) \quad (01)$$

Onde:

T é o tempo de retorno (anos)

x_T é o quantil associado a tempo de retorno, T

$Z_{(1-1/T)}$ é o valor da variável normal padrão associada a probabilidade $(1 - 1/T)$. Pode ser obtida em tabelas ou empregando métodos numéricos para inverter $\Phi(x)$ apresentada no Anexo II.

μ é o parâmetro de posição (4,2694)

σ é o parâmetro de escala (1,9700)

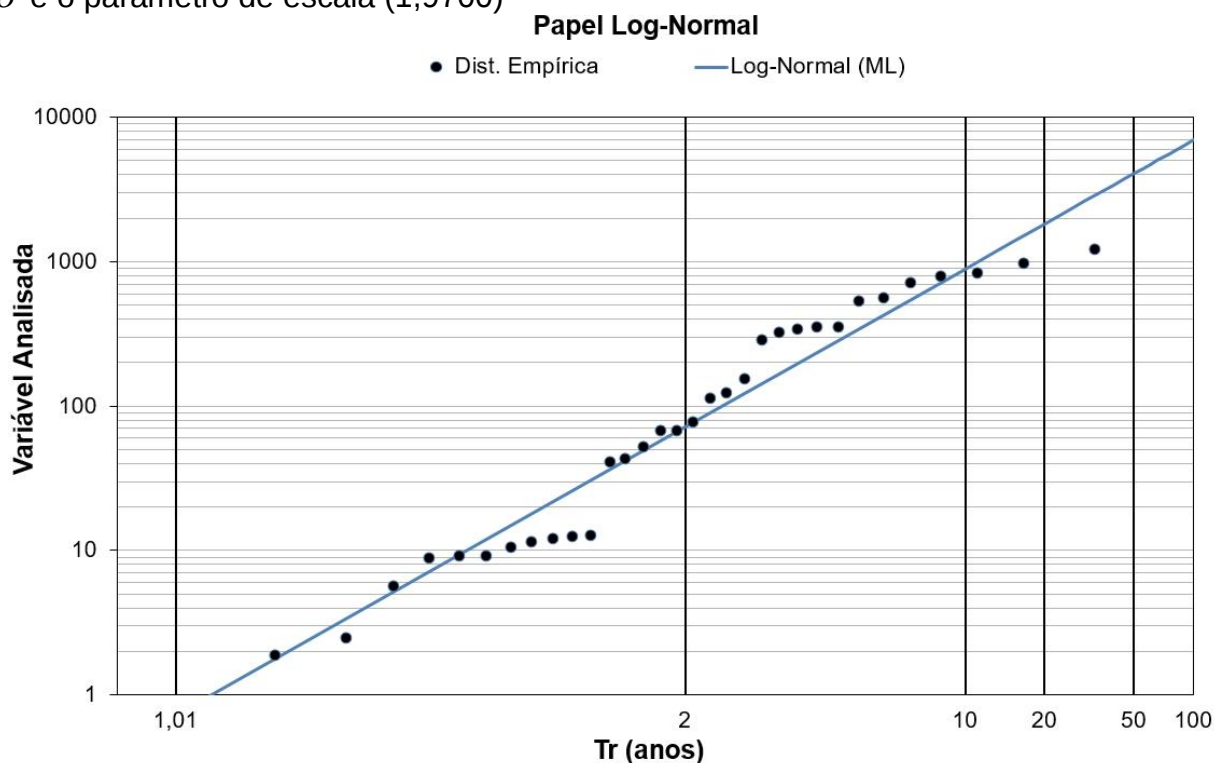


Figura 04 – Ajuste das distribuições empírica e teórica. Fonte: elaborado pelos autores.

A equação 01 permite o cálculo das vazões associadas a diferentes tempos de retorno. A Tabela 05 apresenta as vazões associadas a diferentes tempos de retorno.

Tabela 05 – Vazões associadas a diferentes tempos de retorno.

	Tempo de Retorno, T (anos)											
	10	15	20	25	30	50	75	90	100	150	200	250
Vazões (m³/s)	893	1375	1826	2249	2650	3397	4086	4730	5629	6464	6991	9365

Fonte: elaborado pelos autores.

3.2 – Definição das Cotas para Instalação de Equipamentos Automáticos na Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência

Após o cálculo das vazões associadas a diferentes tempos de retorno é possível estimar as respectivas cotas invertendo a curva chave da estação fluviométrica.

As vazões da série histórica foram calculadas com a equação da curva-chave de formato potencial como apresentada no Anexo III.

$$Q(h) = a (h - h_o)^n \quad (\text{AIII-01})$$

Onde:

h é a cota a qual se quer calcular a vazão (m);

$Q(h)$ é a vazão calculada para a cota h (m³/s);

a , n e h_o são parâmetros de ajustes.

A inversa da equação da curva chave é a seguinte:

$$h = \left(\frac{Q}{a}\right)^{1/n} + h_o \quad (02)$$

Os parâmetros das curvas chave de diferentes períodos e amplitudes de cotas encontram-se no Anexo III.

Os critérios para definição das cotas mínimas de instalação dos equipamentos da RHNR, dependendo do objetivo da estação fluviométrica, estão apresentados na Tabela 04. Um critério comum a todos os objetivos das estações fluviométricas é “a cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0 m (um metro)”.

A cota máxima observada na estação de São Fernando, código 37570000, foi de 504 cm. A vazão associada a esta cota é de 1209 m³/s como calculado no item 4-Exemplos de Aplicação.

Os outros critérios apresentados na Tabela 04 são as cotas associadas as cheias de 100, 200 e 250 anos de tempo de retorno. Estas vazões foram calculadas como ilustrado no item 4-Exemplos de Aplicação e os valores constam da Tabela 05. O cálculo

das cotas associadas a estas vazões é realizado empregando a equação (02) e adotando os parâmetros da curva chave mais recente apresentados no Anexo III.

Analisando o Anexo III observa-se que a curva chave mais recente tem período de validade de 21/03/2013 a 31/12/2021 e o ramo superior da curva chave tem uma amplitude de cotas de 192 a 600 cm. As estimativas de vazões associadas as cotas superiores a 600 cm foram realizadas estendendo o ramo superior da curva chave até a cota de interesse. Dessa forma foi possível a estimativa das cotas associadas as vazões de 100, 200 e 250 anos de tempo de retorno uma vez que estas cotas são maiores que o limite superior de validade da curva chave.

A Tabela 06 resume os critérios de definição da cota mínima para instalação dos equipamentos da estação de São Fernando, código 37570000.

Tabela 06 – Cotas para instalação dos equipamentos da estação fluviométrica

CRITÉRIO	Q (m³/s)	Cota (cm)
Cota associada a cheia de 100 anos de tempo de retorno	6991	920*
Cota associada a cheia de 200 anos de tempo de retorno	11428	**
Cota associada a cheia de 250 anos de tempo de retorno	13280	**
Cota da maior cheia registrada acrescida de 1,0m (um metro)	2098*	604 cm (504 cm + 100 cm)

* Estimativa a partir da extrapolação da curva chave.

** A amplitude de cotas das curvas chave não permite a estimativa

Fonte: elaborado pelos autores.

A ficha descritiva da estação que se encontra no Anexo I não apresenta o objetivo ou objetivos da estação fluviométrica. Documentos internos do SGB informam que os objetivos gerais desta estação são acompanhar eventos hidrológicos críticos, estimar balanços e disponibilidades hídricas, avaliar mudanças e tendências de longo prazo, como também contribuir para regulação dos recursos hídricos, logo a cota de instalação dos equipamentos seria associada a cheia com tempo de retorno de 250 anos, contudo a curva chave da estação está definida até 600 cm (154 m³/s), cota máxima de perfil da seção de régua de 607 cm e área de drenagem de 808 km², o que torna muito impreciso determinar a cota para vazão de 13.280 m³/s (T=250 anos). **Sendo assim, com as informações disponíveis na elaboração deste relatório, sugere-se, para o momento, que a cota de instalação dos equipamentos seja superior a 920 cm. A Figura 05 ilustra o posicionamento dos equipamentos na seção de régua da estação.**

A Figura 05 apresenta o perfil da seção transversal de régua levantada em 2019 com cota máxima de 607 cm. Todavia, entre perfis de seção de medição levantados em anos anteriores a cota máxima foi de 817 cm em 2015. Assim recomenda-se que os perfis anuais de régua sejam levantados em cotas superiores à tais cotas nas duas margens, pois auxiliará na extrapolação do ramo superior da curva chave caso ocorra cheias maiores que 504 cm ocorrida em 2007.

Além disso, mesmo com as dificuldades inerentes ao trabalho de operação de uma rede hidrometeorológica, quando houver uma oportunidade, ou seja, a ocorrência de cheias no rio Seridó, recomenda-se uma intensificação nas medições de vazões em cotas superiores a 258 cm para melhorar a extrapolação do ramo superior da curva chave.

Como indicado no relatório Maranhão e Pereira (2017), também se sugere que seja incluído na ficha descritiva os objetivos da estação fluviométrica de São Fernando, código 37570000.

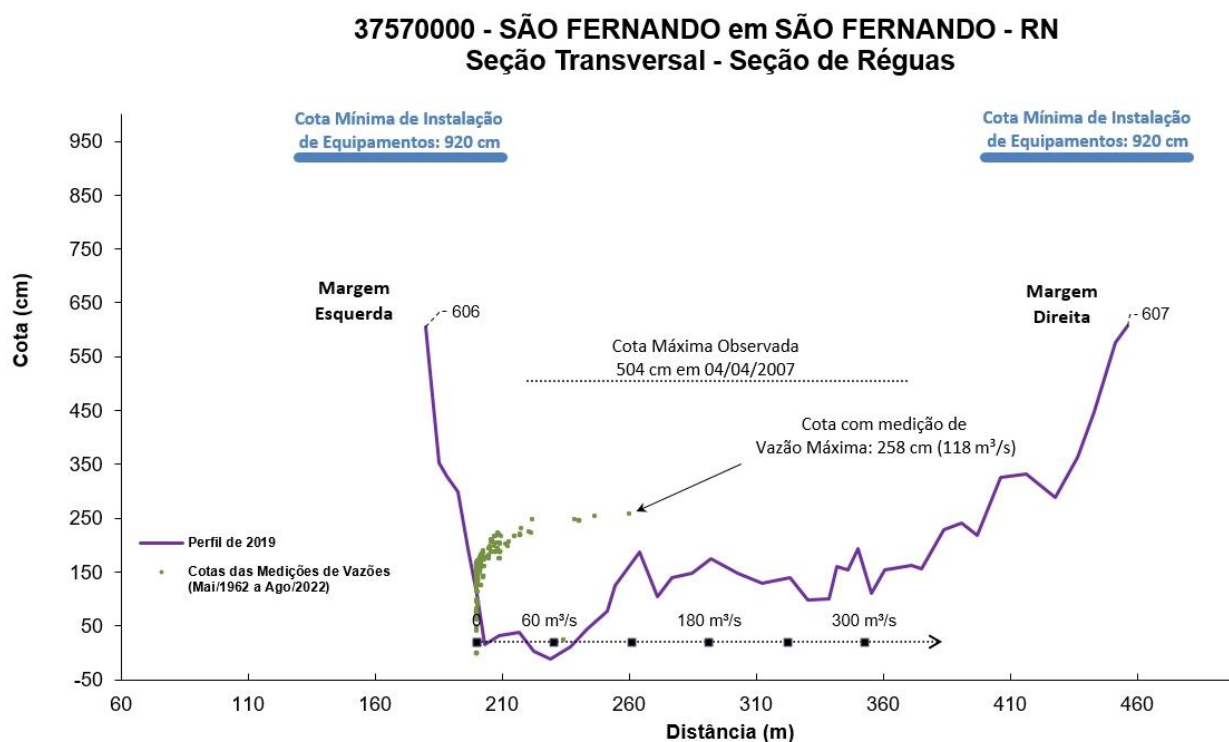


Figura 05 – Cota mínima de instalação de equipamentos. Fonte: elaborado pelos autores.

4 – EXEMPLOS DE APLICAÇÃO

- a) O rio Seridó em São Fernando, código 37570000, alcançou a cota de 504 cm durante a cheia em 04/04/2007. Qual é o tempo de retorno da vazão associada a esta cota?

Resp: Inicialmente, será necessário calcular a vazão associada à cota de 504 cm com a curva-chave válida para a data de 04/04/2007 utilizando a equação AIII-01 (Anexo III) com amplitude de cotas de 192 a 600 cm.

Para a cota 504 cm os parâmetros são $a = 60,000$, $h_0 = 1,29$ m e $n = 2,300$ (Anexo III). Dessa forma temos:

$$Q(h) = a (h - h_0)^n$$

$$Q(504\text{cm}) = 60,000 (504/100 - 1,29)^{2,300}$$

$$Q(504\text{cm}) = 1209 \text{ m}^3/\text{s}$$

Numa segunda etapa, para se calcular o tempo de retorno será necessário estimar a variável Normal Padrão da equação 01. Dessa forma temos:

$$Z_{(1-1/T)} = \frac{(\ln(x_T) - \mu)}{\sigma} \quad (02)$$

A vazão calculada foi de $1209 \text{ m}^3/\text{s}$, o parâmetro de posição é $\mu = 4,2694$, e o de escala é $\sigma = 1,9700$. Substituindo os valores na equação 02 temos:

$$Z_{(1-1/T)} = \frac{(\ln(x_T) - \mu)}{\sigma} = \frac{(\ln(1209) - 4,2694)}{1,9700} = 1,43547$$

Levando o valor 1,43547 em uma tabela de inversa da distribuição Normal Padrão ou executando a função DIST.NORMMP.N do Excel obtém-se: $P(Z \leq 1,43547) = 0,92442$.

O tempo de retorno será:

$$T = \frac{1}{1 - P(Z \leq z)} = \frac{1}{1 - 0,92442} = 13,23 \text{ anos}$$

O tempo de retorno de 13,23 anos corresponde à probabilidade de 7,56% da vazão $1209 \text{ m}^3/\text{s}$ (associada à cota 504 cm) ser igualada ou superada em um ano qualquer, ou

$$P(x_T \geq 1209 \text{ m}^3/\text{s}) = \frac{1}{T} 100 = \frac{1}{13,23} 100 = 7,56 \%$$

- b) Qual é o tempo de retorno da vazão associada à cota registrada com medição da maior vazão em São Fernando, código 37570000?

Resp: A cota registrada com medição da maior vazão em São Fernando, código 37570000, é 258 cm / 118m³/s (18/04/1984). Considerando a curva-chave desta data e substituindo esta cota na equação AIII-01 (Anexo III), obtém-se a vazão de 106,81 m³/s (Ramo 02). Com a vazão calculada e os parâmetros da distribuição de Log-Normal a partir da equação 02 se obtém $Z_{(1-1/T)}$ e por consequência $P(Z \leq z)$. Por fim, como no primeiro exemplo, temos que o tempo de retorno da vazão associada à cota de 258 cm é de 2,39 anos. A probabilidade da maior vazão medida com cota registrada de ser igualada ou superada em um ano qualquer é de 41,92%.

- c) Qual a vazão com tempo de retorno de 100 anos em São Fernando, código 37570000?

Resp: Considerando os parâmetros de posição e de escala da curva de distribuição obtida no estudo (Log-Normal), calcula-se a inversa da distribuição Normal Padrão para $T=100$ anos (INV.NORMP do Excel), obtendo-se $Z_{(1-1/T=0,99)} = 2,32635$. Aplicando a equação (01) obtém-se a vazão de 6991 m³/s.

$$x_T = EXP(4,2694 + 1,9700 \cdot 2,32635) = 6991 \text{ m}^3/\text{s}$$

O tempo de retorno de 100 anos corresponde à probabilidade de 1,0% da vazão 6991 m³/s ser igualada ou superada em um ano qualquer, ou

$$P(x_T \geq 6991 \text{ m}^3/\text{s}) = \frac{1}{T} 100 = \frac{1}{100} 100 = 1 \%$$

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil); SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Levantamentos topobatimétricos e geodésicos aplicados na Rede Hidrometeorológica Nacional (RHN)**. Brasília, DF: ANA: CPRM, 2021. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/22628> . Acesso em: 9 out. 2024.
- HOSKING, J. R. M.; WALLIS, J. R. **Regional frequency analysis**: an approach based on L-moments. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KENNEY, T. A. **Levels at gaging stations**: section A, Surface-Water Techniques. [S.l.]: U.S. Geological Survey, 2010. cap. 3., 60 p. (Techniques and Methods 3 – A19). Disponível em: <https://pubs.usgs.gov/tm/tm3A19/tm3A19.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.
- MANN, H. B.; WHITNEY, D. R. On the test of whether one of two random variables is stochastically larger than the other. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 18, n. 1, p. 50-60, 1947.
- MARANHÃO, N.; PEREIRA, S. P. (coord.). **Rede Hidrometeorológica Nacional de Referência – RHNR**: relato do planejamento da RHNR e a definição das estratégias de implementação para os próximos anos (5 anos). [Brasília]: [CPRM: ANA], 2017. Grupo de Trabalho ANA-CPRM. Portaria ANA n. 151, de 31 de março de 2016. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/22172>. Acesso em: 9 out. 2024.
- NAGHETTINI, M.; PINTO, E. J. A. **Hidrologia estatística**. Belo Horizonte: CPRM, 2007. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/454>. Acesso em: 9 out. 2024.
- PINTO, E. J. de A. **Atlas pluviométrico do Brasil**: metodologia para definição das equações intensidade-duração-frequência do Projeto Atlas Pluviométrico. Belo Horizonte: CPRM, 2013. Programa Geologia do Brasil. Levantamento da Geodiversidade. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/11560>. Acesso em: 9 out. 2024.
- RANTZ, S. E. *et al.* **Measurement and computation of streamflow**: volume 2. Computation of discharge. Washington: USGS, 1982. v. 2, 631 p. (Geological Survey Water-Supply Paper 2175). Disponível em: https://pubs.usgs.gov/wsp/wsp2175/wsp2175_vol2.pdf. Acesso em: 9 out. 2024.
- SAUER, V. B.; TURNIPSEED, D. P. **Stage measurement at gaging stations**. Reston, Virginia: U.S. Geological Survey, 2010. cap. 3, 45 p. (Techniques and Methods 3–A7). Disponível em: <https://pubs.usgs.gov/tm/tm3-a7/tm3a7.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.
- TUCCI, C. E. M. **Regionalização de vazões**. Brasília: ABRH, 2002. 256 p.
- WALD, A.; WOLFOWITZ, J. An exact test for randomness in the non-parametric case based on serial correlation. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 14, n. 4, p. 378-388,

1943. DOI: 10.1214/aoms/1177731358. Disponível em:
<https://projecteuclid.org/journals/annals-of-mathematical-statistics/volume-14/issue-4/An-Exact-Test-for-Randomness-in-the-Non-Parametric-Case/10.1214/aoms/1177731358.short>. Acesso em: 9 out. 2024.

WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION. **Manual on stream gauging**. Geneva: WMO, 2010. v. 1. (Fieldwork WMO-No. 1044). Disponível em:
<https://library.wmo.int/idurl/4/35848>. Acesso em: 9 out. 2024.

ANEXO I

Ficha Descritiva

Estação Fluviométrica de São Fernando, código 37570000

FICHA DESCRITIVA DE ESTAÇÃO FLUVIOMÉTRICA

Identificação

Código:	37570000	Estação:	São Fernando	Tipo:	FDS
Região hidrográfica:	Atlântico Trecho Norte/Nordeste			Sub-bacia:	37
Rio:	Rio Seridó			Bacia local:	Piranhas
Município:	São Fernando	Estado:	RN	Roteiro:	3
Latitude:	-6.3700	Longitude:	-37.1800	Altitude (m):	135
Instrumento:	GPS	Datum:	WGS 84		
Área de dren. (km²):	9710	Instalada em:	01/05/1962	Extinta em:	
Coordenador:	ANA	Operador:	CPRM/SUREG RE		
Código da folha:	1256	Nome da folha:	CAICÓ		
Órgão executor:	SUDENE	Ano:	1982	Escala:	1:100.000

Localização

Margem esquerda do Rio, cerca de 2,0 km à jusante da Cidade São Fernando, atravessando a parede do açude no Sítio Pascoal.

Acessibilidade

Da Cidade de Caicó percorrer 11,0 km pela BR-427 até a entrada que dá acesso à estação, daí mais 9,0 km até a estação (02km após a cidade de São Fernando).

Altitudes Ortométricas

Seção de réguas

Margem: Margem esquerda

Réguas:

6 Réguas de alumínio graduadas em centímetro fixadas em suporte de madeira. Lances : 000/100, 100/300, 300/400, 400/500, 500/600, 600/700 cm.

Equipe:

Estação: São Fernando

Data: 20/02/2025

Código: 37570000

FICHA DESCRITIVA DE ESTAÇÃO FLUVIOMÉTRICA

Referências de nível

RN-1: 5780 mm. Bloco de concreto, com calota da Hidroservice, 9,0 m do lance 500/600cm
 RN-2: 6346 mm. Bloco de concreto, com calota da Hidroservice, 4,20m do lance 600/700cm
 RN-3: 3739 mm. Bloco de concreto, próximo do lance 300/400cm
 RN-4: 4135 mm. Bloco de concreto, próximo do lance 400/500cm

Seções e processos de medição

Localizada a montante dos lances de réguas, definida por PI margem esquerda e PF na margem direita distanciados entre si de 275,0m.

Processo de medição: Vau/Barco

Potamografia

O Rio Seridó nasce entre as Serras do Candinho e Caldeiro, no Município de Cubatí, Estado da Paraíba. Recebe como principais afluentes pela margem direita o Rio Acauã, Riacho São José o qual forma o Açude Cruzeta e o Riacho Pedra Branca, onde se localiza o Açude Mundo Novo, pela margem esquerda os Rios

Características do trecho

Regime: Perene Conformação: Retilínea Fundo: Regular

Posição em relação à rede

Montante: Jusante: Sítio Volta

Natureza e inclinação das margens

Esquerda: Baixa Arenosa com Vegetação de Pequeno Porte
 Direita: Baixa Arenosa com Vegetação de Pequeno Porte

Leito

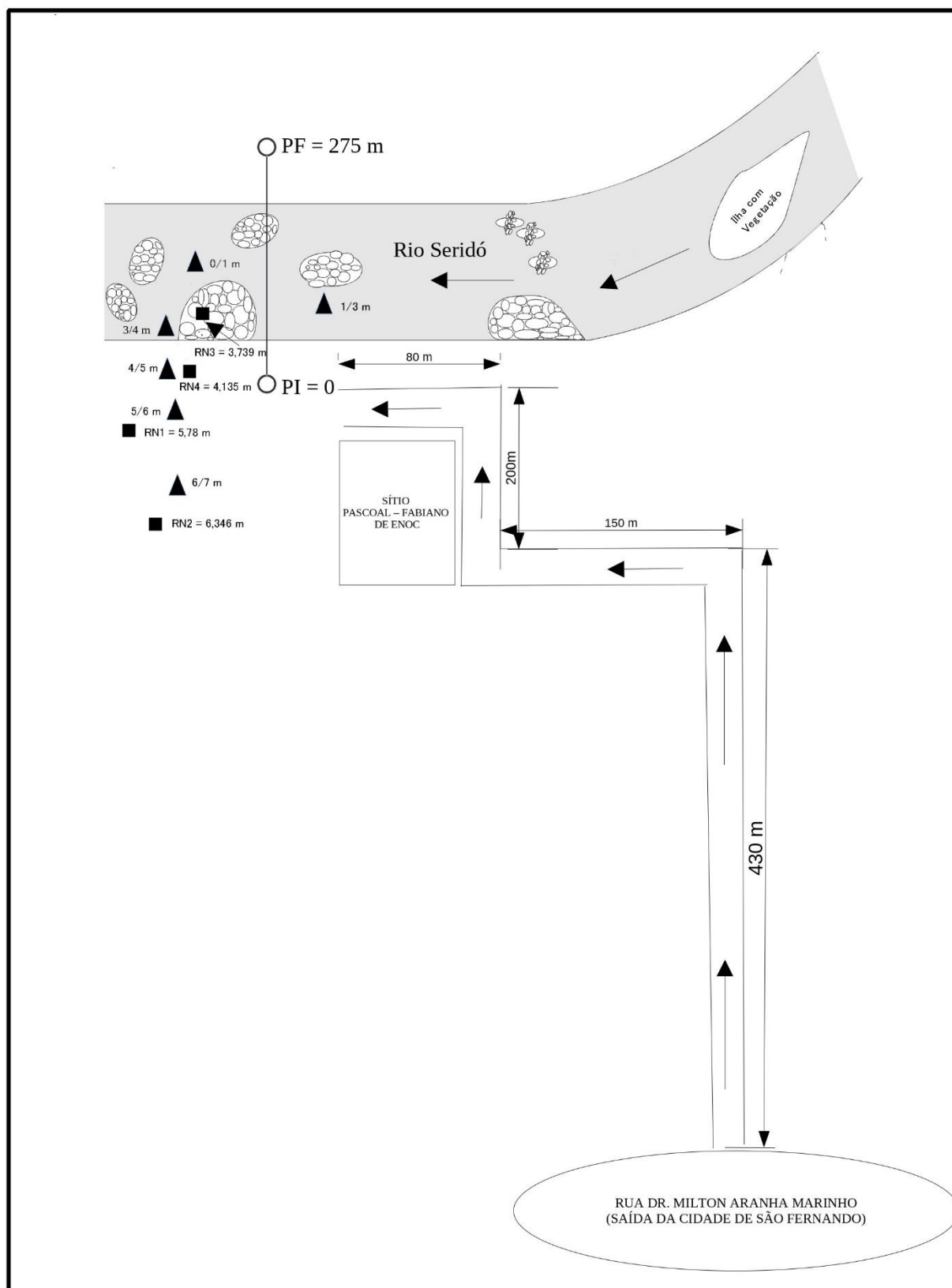
Natureza: Arenosa Sem Vegetação

Controle

Controle: Canal Localização: Distância

Equipe: Data: 20/02/2025
 Estação: São Fernando Código: 37570000

ESTADO PARAÍBA	RIO SERIDÓ	ESTAÇÃO SÃO FERNANDO	CÓDIGO 37570000	ROTEIRO 3
TIPO FDSQ(Ca)	BACIA PIRANHAS	PROJETO 1422.350	DESENHISTA Haroldo	DATA 09/02/2025



ANEXO II
Distribuição de Gumbel e Log-Normal.

ANEXO II

DISTRIBUIÇÃO DE GUMBEL

- Função Densidade de Probabilidade

$$f_x(x) = \frac{1}{\alpha} \exp \left[-\frac{x-\beta}{\alpha} - \exp \left(-\frac{x-\beta}{\alpha} \right) \right]$$

α = Parâmetro de escala β = Parâmetro de posição

Limites: $-\infty \leq x < \infty$

- Função Acumulada de Probabilidades

$$F_x(x) = \exp \left[-\exp \left(-\frac{x-\beta}{\alpha} \right) \right]$$

- Inversa da função acumulada

$$x = \beta - \alpha \ln[-\ln(F(x))]$$

- Momentos L

$$\lambda_1 = \beta + \alpha \gamma_E \quad \lambda_2 = \alpha \ln(2) \quad \lambda_3 = \alpha [2 \ln(3) - 3 \ln(2)] \quad \lambda_4 = \alpha [5 \ln(4) - 10 \ln(3) + 6 \ln(2)]$$

$$\tau_3 = 0,1699 \quad \tau_4 = 0,1504$$

- Estimativa dos parâmetros pelos momentos-L

$$\hat{\alpha} = \frac{l_2}{\ln(2)}$$

$$\hat{\beta} = \frac{l_1}{\gamma_E \hat{\alpha}}$$

Onde l_1 e l_2 são os momentos-L amostrais e $\gamma_E = 0,5572157$ é a constante de Euler.
Fonte: Hosking e Wallis (1997)

ANEXO II

DISTRIBUIÇÃO LOG-NORMAL

Os dados transformados pelo logaritmo natural, $\ln(x)$, se distribuem como uma normal

DISTRIBUIÇÃO NORMAL

- Função Densidade de Probabilidade

$$f_X(x) = \frac{1}{\sigma} \phi\left(\frac{x - \mu}{\sigma}\right)$$

$$\phi(x) = \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \exp\left(-\frac{1}{2}x^2\right)$$

Parâmetros: μ é o parâmetro de posição e σ é o parâmetro de escala

Limites: $-\infty \leq x < \infty$

- Função Acumulada de Probabilidades

$$F_X(x) = \Phi\left(\frac{x - \mu}{\sigma}\right)$$

$$\Phi(x) = \int_{-\infty}^x \phi(t) dt$$

- Inversa da função acumulada

$x(F)$ não possui forma analítica

- Momentos-L

$$\lambda_1 = \mu \quad \lambda_2 = 0,5642\sigma = \frac{1}{\sqrt{\pi}}\sigma \quad \tau_3 = 0 \quad \tau_4 = 0,1226 = [30\pi^{-1}\arctan(\sqrt{2})] - 9$$

- Estimativa de parâmetros pelos momentos-L

$$\hat{\mu} = \lambda_1$$

$$\hat{\sigma} = \lambda_2\sqrt{\pi}$$

OBS: Inicialmente os dados são transformados pelo logaritmo natural, $\ln(x)$. Em seguida são calculados os momentos-L e depois os parâmetros.

Fonte: Hosking e Wallis (1997)

ANEXO III
Série de Dados Utilizados – Cotas e Vazões máximas por ano civil
Curva-Chave
Estatísticas da série

ANEXO III

Série de Dados Utilizados – Cotas (cm) e Vazões (m³/s)

Máximos por ano hidrológico (01/Jan a 31/Dez)

N	AI	AF	Data	Hora	Cota (cm)	Vazão (m³/s)	Observações
1	1976	1976	28/03/1976	07:00	350	348,95	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
2	1977	1977	01/05/1977	07:00	470	967,73	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
3	1978	1978	03/03/1978	17:00	395	540,24	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
4	1979	1979	26/04/1979	17:00	350	348,95	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
5	1993	1993	06/01/1993	07:00	138	5,57	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
6	1994	1994	27/03/1994	07:00	261	112,43	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
7	1995	1995	27/05/1995	07:00	402	574,28	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
8	1996	1996	29/04/1996	07:00	331	287,06	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
9	1997	1997	27/04/1997	17:00	234	67,31	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
10	1998	1998	26/03/1998	07:00	156	9,16	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
11	1999	1999	23/05/1999	17:00	170	12,82	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
12	2000	2000	18/04/2000	07:00	241	77,85	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
13	2001	2001	13/03/2001	17:00	131	1,85	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
14	2002	2002	07/04/2002	07:00	341	318,98	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
15	2003	2003	06/05/2003	07:00	136	2,47	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
16	2004	2004	06/02/2004	07:00	442	791,72	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
17	2005	2005	31/03/2005	07:00	234	67,31	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
18	2006	2006	13/05/2006	07:00	282	155,97	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
19	2007	2007	04/04/2007	07:00	504	1209	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
20	2009	2009	30/04/2009	17:00	452	852,29	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
21	2010	2010	10/04/2010	07:00	215	42,73	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
22	2011	2011	18/05/2011	07:00	428	711,13	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
23	2012	2012	21/02/2012	07:00	163	10,50	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
24	2013	2013	20/04/2013	17:00	167	11,59	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
25	2014	2014	10/04/2014	07:00	224	53,32	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
26	2015	2015	23/04/2015	17:00	170	12,48	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
27	2016	2016	23/03/2016	07:00	169	12,18	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
28	2017	2017	13/04/2017	07:00	157	8,95	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
29	2018	2018	15/04/2018	07:00	266	123,77	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
30	2019	2019	31/03/2019	07:00	214	41,29	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
31	2020	2020	22/04/2020	07:00	341	337,85	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave
32	2021	2021	18/04/2021	17:00	158	9,20	DL / Vazões geradas a partir da curva-chave

DL – Dupla Leitura (07 e 17 hs)

CM – Sem dados de boletim de Dupla Leitura (DL). Registro DL na estatística máxima do banco de Cotas Médias.

ANEXO III

Curva-Chave

As vazões da série histórica foram calculadas com a equação da curva-chave de formato potencial:

$$Q(h) = a (h - h_0)^n \quad (\text{AIII-01})$$

Onde:

h é a cota a qual se quer calcular a vazão (m);

$Q(h)$ é a vazão calculada para a cota h (m³/s);

a , n e h_0 são parâmetros de ajustes.

Os parâmetros das curvas-chaves utilizadas no estudo e disponibilizadas pela CPRM são os seguintes:

Curvas-Chaves	Período	01/01/1973	08/07/1974	04/04/1981
		07/07/1974	03/04/1981	22/05/1984
Ramo 01	Amplitude de cotas (cm)	130	140	100
		197	218	191
	a	60,0000	71,2396	36,1000
	h_0 (m)	1,28	1,36	1,09
	n	2,950	3,000	3,000
Ramo 02	Amplitude de cotas (cm)	197	218	191
		600	500	350
	a	60,0000	60,0000	70,2398
	h_0 (m)	1,35	1,35	1,36
	n	2,300	2,300	2,108

Curvas-Chaves	Período	23/05/1984	25/01/1992	18/04/2000
		24/01/1992	17/04/2000	14/04/2007
Ramo 01	Amplitude de cotas (cm)	80	60	70
		166	192	191
	<i>a</i>	28,9029	5,5727	14,8272
	<i>ho (m)</i>	1,14	0,38	0,81
	<i>n</i>	3,000	3,000	3,000
Ramo 02	Amplitude de cotas (cm)	166	192	191
		600	351	351
	<i>a</i>	60,0000	70,2398	70,2398
	<i>ho (m)</i>	1,35	1,36	1,36
	<i>n</i>	2,300	2,108	2,108
Ramo 03	Amplitude de cotas (cm)		351	351
			450	500
	<i>a</i>		60,0000	60,0000
	<i>ho (m)</i>		1,35	1,35
	<i>n</i>		2,300	2,300

Curvas-Chaves	Período	15/04/2007	21/03/2013
		20/03/2013	31/12/2021
Ramo 01	Amplitude de cotas (cm)	20	0
		191	81
	<i>a</i>	6,0758	10,9940
	<i>ho (m)</i>	0,43	0,65
	<i>n</i>	3,000	1,790
Ramo 02	Amplitude de cotas (cm)	191	81
		351	192
	<i>a</i>	70,2398	3,4685
	<i>ho (m)</i>	1,36	0,26
	<i>n</i>	2,108	3,512
Ramo 03	Amplitude de cotas (cm)	351	192
		500	600
	<i>a</i>	60,0000	60,0000
	<i>ho (m)</i>	1,35	1,29
	<i>n</i>	2,300	2,300

ANEXO III

Estatísticas da série

Estatísticas da Série

Média m³/s	Desvio- Padrão m³/s	Máximo m³/s	Mínimo m³/s	Amplitude m³/s	Assimetria	Mediana m³/s	1º Quartil m³/s	3º Quartil m³/s	AIQ m³/s
254,0	332,7	1208,7	1,9	1206,8	1,4	72,6	12,0	348,9	336,9

Estatísticas da série transformada: Ln(X)

Média	Desvio- Padrão	Máximo	Mínimo	Amplitude	Assimetria	Mediana	1º Quartil	3º Quartil	AIQ
4,26936	1,91647	7,09729	0,61702	6,48026	-0,20382	4,28206	2,48753	5,85492	3,36739

Momentos-L e Razões-L

l_1	l_2	L-CV	L-SKEW	L-KURT
253,9570	169,1522	0,6661	0,4465	0,1213

Momentos-L e Razões-L da série transformada: Ln(X)

l_1	l_2	L-CV	L-SKEW	L-KURT
4,2694	1,1115	0,2603	-0,0534	-0,0217

Função Acumulada de Probabilidade da Log-Normal para Máximos (μ e σ são parâmetros da distribuição Log-Normal)

$$F_X(x) = \Phi\left(\frac{x-\mu}{\sigma}\right), \text{ onde } \Phi(x) = \int_{-\infty}^x \phi(t)dt$$

Inversa da distribuição Log-Normal: $x(F)$ não possui forma analítica

Parâmetros da Distribuição Log-Normal

Fonte: Hosking e Wallis (1997), págs. 193 e 194

$$\text{Momentos - L: } \lambda_1 = \mu \quad \lambda_2 = 0,5642 \quad \sigma = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \sigma \quad \text{Parâmetros: } \hat{\mu} = \lambda_1 \quad e \quad \hat{\sigma} = \lambda_2 \sqrt{\pi}$$

Distribuição	Posição (μ)	Escala (σ)
Log-Normal (μ, σ)	4,2694	1,9700



Projeto de regionalização de vazões nas bacias hidrográficas brasileiras

ENDEREÇOS

Sede

SGAN- Quadra 603 – Conjunto J – Parte A – 1º andar
Brasília – DF – CEP: 70.830-030
Tel: 61 2192-8252
Fax: 61 3224-1616

Escritório Rio de Janeiro

Av Pasteur, 404 – Urca
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22.290-255
Tel: 21 2295-5337 - 21 2295-5382
Fax: 21 2542-3647

Superintendência Regional de Recife

Avenida Sul, 2291, Afogados
Recife - PE - Brasil - CEP: 50770-011
Tel.: 81 3316-1400
Fax: 81 3316-1403

Superintendência Regional de Belo Horizonte

Av. Brasil, 1.731 – Funcionários
Belo Horizonte – MG – CEP: 30.140-002
Tel.: 31 3878-0376
Fax: 31 3878-0383

ISBN 978-65-5664-563-6